

# Apresentação

Em diferentes partes do mundo, milhões de pessoas estão perdendo dinheiro, tempo, vínculos e identidade sem que ninguém perceba. Não em cassinos luxuosos nem em ambientes clandestinos, mas em espaços íntimos e silenciosos — quartos, banheiros, carros — diante de uma tela que cabe na palma da mão.

*Nas garras do Tigre: o início do caos* nasce desse silêncio global.

Às três e quatorze da manhã, André está sentado no banheiro de casa, com o celular na mão e o corpo encostado no azulejo frio. O cenário é comum. A experiência também. O que começou como curiosidade virou hábito. O que parecia controle virou urgência. O que prometia solução se transformou em aprisionamento.

Este livro não é apenas sobre apostas. É sobre **como sistemas digitais podem sequestrar a esperança humana**.

A narrativa revela os mecanismos psicológicos por trás de plataformas desenhadas para nunca perder: algoritmos que convertem frustração em repetição, culpa em insistência e adrenalina em orientação emocional. Aqui, o tempo não é medido

em horas, mas em ciclos. E cada ciclo cobra um preço maior do que o anterior.

Com uma escrita visceral e profundamente humana, a obra conduz o leitor para dentro da mente de alguém que acredita estar jogando, quando na verdade já foi capturado. O vício não aparece como exceção ou desvio moral, mas como um processo silencioso que atravessa culturas, classes sociais e fronteiras, corroendo relações, distorcendo decisões e isolando quem mais precisa de apoio.

Embora ambientada no Brasil, esta é uma história que poderia acontecer em qualquer lugar. Porque o mecanismo é global. A promessa é universal. E a queda, também.

*Nas garras Tigre: o início do caos* é uma leitura intensa, perturbadora e necessária. Não para chocar, mas para revelar.

Depois da última página, torna-se impossível olhar para o dinheiro fácil, para os jogos digitais — e para a própria ideia de controle — da mesma forma.

Boa Leitura!

# **Livro I: O GOLPE DO DINHEIRO FÁCIL**



# **CAPÍTULO 1: O SILÊNCIO DA CASA**

## **PARTE 1: A CÂMARA DE DESCOMPRESSÃO (03:14 AM)**

O universo de André havia sido reduzido a um retângulo luminoso de seis polegadas.

Eram três e quatorze da manhã, mas o tempo dentro daquele banheiro revestido de azulejos brancos encardidos pelo tempo, não obedecia às leis da física.

O tempo ali era medido em giros, em pulsos, em fração de segundos entre a esperança e a ruína.

A única fonte de luz vinha da tela do celular, um brilho espectral, azul-cirúrgico, que projetava sombras longas e distorcidas contra o box do chuveiro.

Transformava a toalha de rosto pendurada em uma silhueta que parecia julgar o homem sentado no vaso sanitário. André não sentia as pernas.

O formigamento começara nos dedos dos pés trinta minutos atrás e agora subia pelas panturrilhas como milhares de agulhas invisíveis.

O sangue estava represado pela pressão das coxas contra o assento frio da louça sanitária. Ele sabia que precisava se levantar.

Sabia que, se tentasse andar agora, poderia cair. A ordem era clara na mente, mas o corpo se recusava a obedecer.

O cérebro de André estava sequestrado, preso em um loop químico de choque e negação, incapaz de processar qualquer coisa que não fosse a imagem congelada diante de seus olhos.

A interface do aplicativo era uma obra-prima de design predatório. Não havia relógios na tela do jogo — uma tática antiga de cassinos físicos.

Agora digitalizada para garantir que o usuário perdesse a noção do dia e da noite. As cores eram vibrantes, saturadas.

Uma explosão de dourado, vermelho e roxo, feitas para excitar a retina e dilatar a pupila.